

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE MÉTODOS E TÉCNICAS
DISC. DIDÁTICA I
PROFª MARIA LUÍZA ANGELIM
ALUNO VALDIR PAIXÃO RODRIGUES JUNIOR

Junior.
Bom, o seu resumo.
LAZ
12/07/95

RESUMO

MEDO E OUSADIA: O COTIDIANO DO PROFESSOR

PAULO FREIRE E IRA SHOR

4ª Edição, Paz e Terra, 1986, Rio de Janeiro

jul/95

INTRODUÇÃO

O conhecimento tem como primeiro momento o ato da produção e como segundo momento o ato em que você conhece o conhecimento existente.

A educação deve ser integradora para unir professores e estudantes numa criação e re-criação do conhecimento.

Ler além de "caminhar sobre as palavras" é também uma descoberta da conexão do texto e seu contexto.

Surge então a educação libertadora que não propões meras técnicas para se chegar à alfabetização, mas seus métodos permitem que através do diálogo crítico entenda-se o contexto político e histórico em que se insere a educação. Essa educação é um ato do conhecimento e não apenas uma transferência do conhecimento, considerando-se também uma perspectiva crítica sobre a escola e a sociedade sendo o ensino voltado para a transformação social.

O livro " Medo e Ousadia: o cotidiano do professor, dividido em 7 Capítulos, se desenvolve através de um diálogo entre o brasileiro Paulo Freire e o norteamericano Ira Shor, diálogo esse baseado em questionamentos sobre a educação libertadora.

Em cada capítulo tentarei sintetizar a idéia central e o conteúdo específico que ambos se propõem a discutir.

CAPÍTULO I

Existe uma grande dificuldade de se operar essa transformação, pois os professores não costumam ter salas de aulas libertadoras, têm programas de formação quase sempre tradicionais e as escolas que frequentam não estimulam a experimentação.

Ira iniciou sua etapa de transformação quando teve a oportunidade de trabalhar com estudantes, de nível superior, trabalhadores, deparando-se com um grande problema, pois tentava transferir seu próprio conhecimento para eles, impondo sobre eles a experiência, não sabendo reinventar o conhecimento de maneira crítica a partir de suas posições na sociedade. Estabeleceu-se então uma democratização da expressão, e isto encorajava os estudantes a falarem abertamente, partindo de questionamentos e propostas de problemas do cotidiano dos alunos, caminho esse que levava à transformação e desativava a forma tradicional de se relacionar com os estudantes.

A sala de aula libertadora deve ser exigente, e não permissiva; deve-se propiciar que se pense sobre as questões, escreva sobre elas, discuta-as seriamente. E esse tipo de ambiente causa reações nos alunos, pois muitos vêm dos moldes tradicionais e encaravam como uma ameaça a seus valores estabelecidos. Uma reação causada nos professores, também, é a da necessidade de êxito, nesta transição para se convencer que tomou a decisão correta.

O ensino libertador não pode ser padronizado, pois é uma ação criativa, situada, experimental que cria condições para a transformação e testa os meios dessa transformação.

Considera-se ainda que um professor libertador sofre influências de seus próprios alunos, influências que caracterizam um aprendizado mútuo, como diz Paulo Freire: "eles me ensinaram, pelo silêncio, que era absolutamente indispensável que eu unisse meu conhecimento intelectual com sua própria sabedoria" (pg. 41).

Após o golpe de 64, houve uma conscientização dos limites da educação na transformação política da sociedade. Porém era através dela que se poderia entender e compreender o que é o poder na sociedade, iluminando as relações de poder que a classe dominante torna obscura.

Para que professores se transformem é preciso inicialmente entender o contexto social do ensino, compreendendo que o contexto que distingue a educação libertadora dos métodos tradicionais.

A educação libertadora é uma situação na qual, tanto professores como alunos, aprendem mutuamente, são sujeitos cognitivos, mesmo diferentes. Ambos devem ser agentes críticos do ato de conhecer. Nesse sentido a educação deve ser compreendida como um processo, ou uma prática, ou um momento onde estimulamos as pessoas a se mobilizarem o a se organizarem para adquirir o poder.

As relações de poder entre o subsistema educação e o sistema global da sociedade não são mecânicas, são relações históricas, são dialéticas e contraditórias e, do ponto de vista da classe dominante, a tarefa principal é reproduzir a ideologia dominante sendo que para a classe dominada, é a construção da contraposição a essa situação, utilizando-se da educação libertadora para iluminar a realidade.

CAPÍTULO 2

Deve considerar também que os professores têm certos temores diante da mudança, pois podem perder o emprego por praticar uma educação emancipatória no lugar da pedagogia da transferência; correm o risco por utilizar uma ideologia de oposição e se sentem constrangidos por ter que reaprender sua profissão diante dos alunos; temem ainda que os alunos rejeitem a pedagogia libertadora.

Deve-se estabelecer limites para o medo, pois quanto mais se reconhece que seu medo é consequência da tentativa de uma prática libertadora, de seu sonho de libertação, mais se aprende a pô-lo em prática.

Tanto o educador tradicional quanto o democrático devem ser competentes na habilidade de educar os alunos para assumirem os empregos no mercado de trabalho, só que o tradicional faz isso com base na manutenção da ordem estabelecida, enquanto que o democrático (libertadora) se preocupará em ser eficiente na formação dos educandos, tentando desvendar a ideologia envolvida nas próprias expectativas dos alunos, levantando questões críticas para refletir sobre o trabalho e a formação profissional.

O professor libertador deve considerar que a linguagem é um problema ideológico e deve aceitar a linguagem de seus estudantes (linguagem da classe dominante) e procurar trabalhá-la para sua compreensão.

É emergente a necessidade de inserir o ensino crítico no uso correto da linguagem e nas questões profissionais.

CAPÍTULO 3

A aprendizagem participativa começa num momento histórico onde está enraizado a não-participação, e um programa libertador pode parecer sem estrutura e sem rigor, sendo que este será definido criativamente no diálogo, clareando como iniciar e usar o novo método com confiança.

Deve-se desenvolver o rigor crítico numa pedagogia que pede aos alunos que assumam sua própria direção; numa sala que procure inserir os temas e os materiais do contexto social propiciando que os alunos dirijam a atenção crítica à realidade que estão inseridos.

O professor libertador estimula um momento criativo onde o conhecimento está se constituindo ali mesmo, e isso só se torna válido para o ensino, no aprender criativamente.

O programa oficial, contrapondo à pedagogia libertadora, não desenvolve o desejo crítico e nem se relaciona com os temas profundamente enraizados na vida dos educandos.

O educador deve ser responsável, liderando como professor e aprendendo como aluno, criando um clima aberto e democrático. Dessa forma, os alunos aprendem de maneira diferente da tradicional: aprendem participativamente. Deve usar também a autoridade, sem se autoritário, dentro dos limites da democracia.

A relação dialógica não tem o poder de criar uma igualdade, o educador continua sendo diferente dos alunos, mas não pode permitir que essa diferença seja antagônica. O professor é sempre diferente, mesmo quando se praticam relações democráticas dentro da classe, pois ele é mais velho, mais informado, mais experiente na análise crítica e é mais comprometido com a mudança social. É uma pessoa que trabalha em situações estabelecidas contrárias à liberdade, onde o currículo oculta a realidade e tem que levar o sonho de mudança para o campo da possibilidade e lidera um processo que não ocorrerá por si só.

CAPÍTULO 4

Um problema para o diálogo, é que o direito de ter uma pequena discussão, começa como privilégio de classe: quanto mais de elite é o aluno, mais provável que possa discutir com o professor. Mas o diálogo deve ser entendido como o momento em que os homens se encontram para refletir sobre sua realidade, tal como a fazem e re-fazem, selando o relacionamento entre os sujeitos cognitivos para poder atuarem na transformação da realidade estabelecida.

O diálogo libertador é uma comunicação democrática, que inválida a dominação e reduz a obscuridade, afirmando a liberdade dos participantes de refazer sua cultura. É a confirmação conjunta do professor e dos alunos no ato comum de conhecer e re-conhecer o objeto de estudo. Mas uma situação dialógica não que dizer que todos os participantes têm que falar, o diálogo, apesar de implicar responsabilidades, direcionamento, determinação, disciplina e objetivos, não tem como meta ou exigência que todas as pessoas da classe devam dizer alguma coisa, ainda que não tenham nada a dizer.

O professor deve reconhecer que os alunos não podem entender seus próprios direitos, pois estão tão "ideologizados" que rejeitam sua própria liberdade, seu próprio desenvolvimento crítico. Deve-se aprender com eles, ir além desses limites e da rejeição de seus direitos.

Não existe uma auto-emancipação pessoal. A libertação é um ato social. Na sala de aula, o professor libertador tem a necessidade de engenho criativo para ajustar a pedagogia a cada novo grupo de alunos. Deve sempre iniciar com uma série de exercícios que desenvolva a alfabetização crítica dos alunos, ao mesmo tempo que desenvolva seu conhecimento sobre eles, partindo de temas geradores e palavras-chaves da própria consciência dos alunos e provocando uma problematização com os mesmos, dentro de suas linguagens.

Conclui-se então, que a educação é simultaneamente uma determinada teoria do conhecimento posta em prática e refletida, uma ato político e estético.

CAPÍTULO 5

No contexto social americano, questiona-se se o método dialógico poderia ou não ser aplicado, se é necessário, pois ele enfatiza o desenvolvimento de relações democráticas na escola e na sociedade.

A "cultura do silêncio" tem várias dimensões:

- Reação agressiva dos alunos, pois tem como elemento a internalização dos papéis passivos que a sala de aula tradicional reserva para os alunos;

- Existe uma violência simbólica na escola e na sociedade, que impõe o silêncio aos alunos. Esse meio é simbolicamente violento porque se baseia na manipulação, declarando-se democrático, enquanto que, de fato, constrói e reproduz as desigualdades sociais.

A educação formal e sistemática, apesar de sua importância, não pode ser realmente a alavanca da transformação social.

Deve-se compreender de modo dialético a relação entre a educação sistemática e a mudança social, a transformação política da sociedade.

Deve-se estar criticamente consciente dos limites da educação para efetuar um redirecionamento do trabalho, ampliando os objetivos políticos.

Os professores que atuam fora da educação formal, sabem que estão mais perto dos centros do poder, das alavancas reais da transformação e devem testar as possibilidades de vinculações externas.

A contribuição concreta da aula libertadora para a transformação social, é quando, na busca de uma educação dialógica, se contradiz a ideologia dominante, interferindo politicamente na tarefa da escola de reproduzir a dominação vigente.

A abordagem libertadora, pode criar condições para algum tipo de iluminação, algum estudo sistemático, mas não há garantia alguma de que o método dialógico, em qualquer situação, possa acabar com a desordem ou a passividade. Ele se opõe a lógica da dominação, opõe-se ao currículo dicotomizado (teoria e prática) e contesta as relações sociais de aprendizagem, que impedem a liberdade e o pensamento crítico.

CAPÍTULO 6

Existe um obstáculo ao diálogo que é a diferença entre sua linguagem e a linguagem dos alunos. O professor deve conhecer, nos seus alunos, seus níveis de pensamento, aptidões e sentimentos, considerando também que a condição de classe se expressa através da linguagem, pois a classe dominante tem o poder de estabelecer sua linguagem como padrão. Deve-se partir da percepção da realidade do aluno.

O educador libertador, começa a assumir a responsabilidade de ser indutivo. Ele procura encontrar o processo para superar o momento indutivo, no sentido de transformá-lo numa camaradagem, isto é, o momento é assumido pelos próprios alunos e não só pelo professor, fazendo com que a indução passe a ser da própria iniciativa dos alunos, estimulando-os constantemente.

Um professor libertador, deve ter certas habilidades, como: a de liderança de discussões, de dinâmica de grupo e habilidades teatrais.

A educação libertadora, é uma das coisas que devemos fazer para possibilitar a transformação da realidade estabelecida.

CAPÍTULO 7

O educador libertador não pode manipular os alunos e tampouco abandoná-los à própria sorte. Deve estimulá-lo a observar e desvendar a manipulação real que sofre e os mitos da sociedade.

A natureza diretiva de um curso libertador, está na própria prática da educação, pois tenta-se relacionar com os alunos como se estes fossem sujeitos cognoscentes, pessoas engajadas no processo de conhecer algo.

Um educador libertador desafia as pessoas a saberem qual é a sua liberdade naquele momento, seu verdadeiro poder, podendo causar um sentimento de manipulação nas pessoas, por estarem sendo questionadas a refletir sobre assuntos de difícil compreensão, e que não querem pensar ou querem negar.

A educação libertadora, pode mudar a compreensão da realidade. Deve-se primeiro esclarecer que só o seu trabalho não é suficiente para mudar o mundo; segundo, é preciso melhorar a humildade e trabalhar com os alunos, não como tática, mas como uma necessidade e, terceiro, é preciso re-aprender o que já se acha que é sabido. Deve-se considerar também todas as expectativas dos alunos e por último, tem-se que ser crítico a respeito de como funciona a sociedade.